



## Na Fronteira: identidade e teoria *queer* nas representações teledramatúrgicas<sup>1</sup>

Guilherme Moreira FERNANDES<sup>2</sup>

Cristina BRANDÃO<sup>3</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

### RESUMO

Este trabalho reflete o diálogo da teoria *queer* (surgida nos EUA nos anos 1990 para propor um modelo contra normas de enquadramento social) e da estética *camp* (potencial subversivo e transgressor) com os Estudos Culturais – principalmente na concepção de identidades. A partir desse debate fizemos um Estudo de Caso apresentando seis personagens homossexuais de três telenovelas da Rede Globo (A Próxima Vítima, Suave Veneno e Senhora do Destino) com o objetivo de estudar o comportamento sexual deles, refletindo seus enquadramentos de acordo com a teoria *queer* e projetando na recepção. Apesar da constante normalização dos homossexuais, verificamos que o discurso positivo é importante para combater a homofobia, no entanto, pode gerar outra forma de homofobia, ou seja, aquela onde só se aceita homossexuais com comportamentos heteronormativos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Telenovela; Homossexualidade; Representações Sociais; Identidade.

### 1. Introdução

A teoria *queer* surgiu nos anos 1990 com forte influência do pós-estruturalismo francês, principalmente com as contribuições de Michel Foucault (modelo de discurso, saber e poder), Jacques Lacan (modelos psicanalíticos de identidade descentrada e instável) e Jacques Derrida (desconstrução de estruturas binárias conceituais e linguísticas). Guacira Louro (2008) explica a dificuldade de definir o termo “*queer*” na língua portuguesa. Ela afirma que a palavra pode ser traduzida por estranho, ridículo, excêntrico, raro e extraordinário. Nos EUA ela é usada para agredir os homossexuais, uma palavra de tom pejorativo.

Tamsin Spargo (2006, p.03) diz: “a palavra ‘*queer*’, antes lançada ou sussurrada como insulto, é agora orgulhosamente reivindicada como marca de transgressão por pessoas que se autodenominam lésbicas ou gays”. A autora ainda nos diz que *queer* pode ser usada como substantivo, adjetivo ou verbo, mas sempre se definindo como algo contra o normal ou normalizador, “na teoria e na prática, *queer* poderia ser entendido como um adjetivo que age como um performativo, que tem a força de um

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM-UFJF). E-mail: gui\_facom@hotmail.com

<sup>3</sup> Professora Adjunta da Faculdade de Comunicação Social e do PPGCOM-UFJF. Mestre e Doutora em Teatro pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNI-RIO). E-mail: cristinabrandao49@yahoo.com.br.



verbo” (SPARGO, 2006, p. 59). Louro (2008, p. 07) completa: “*queer* é o excêntrico que não deseja ser ‘integrado’ e muito menos tolerado”.

Louro (2008) utiliza a metáfora da viagem e da fronteira para explicar a sexualidade. A autora explica que “na viagem o que importa é o andar e não o chegar” (LOURO, 2008, p.13) e que “o viajante interrompe a comodidade, abala a segurança, sugere o desconhecido, aponta para o estranho, o estrangeiro” (idem, p. 24). A viagem aponta para o estranhamento, é sair de uma rotina e a descoberta de outros lugares. A viagem pode ser impactante e mudar definitivamente o rumo da vida.

A imagem da viagem me serve, na medida em que a ela se agregam ideias de deslocamento, desenraizamento, trânsito. Na pós-modernidade, parece necessário pensar não só em processos mais confusos, difusos e plurais, mas, especialmente, supor que o sujeito que viaja é, ele próprio, dividido, fragmentado e cambiante. (LOURO, 2008, p. 13).

Já a fronteira “é lugar de relação, região de encontro, cruzamento e confronto. Ela separa e, ao mesmo tempo, põe em contato culturas e grupos. Zona de policiamento e também zona de transgressão e subversão” (LOURO, 2008, p. 19). A fronteira é o local de deslocamento, é a sensação de não estar nem em um lugar, nem em outro. Sobre o uso da metáfora da viagem e da fronteira para a sexualidade, Louro explica que

É possível recorrer a essas representações para pensar também os sujeitos transgressivos de gênero e sexualidade. Esses sujeitos, frequentemente, recusam a fixidez e a definição das fronteiras, e assumem a inconstância, a transição e a posição ‘entre’ identidades como intensificadoras do desejo. (LOURO, 2008, p. 21-22).

De acordo com as pesquisas de Foucault (1988) o homossexual, no século XIX, foi patologizado como um tipo perverso ou desviante, um caso passível de tratamento, em suma, uma aberração à norma heterossexual. No século XX algumas sanções foram postas e o homossexual não é mais concebido como uma doença a ser curada<sup>4</sup>, mas continua sendo visto como uma aberração à norma heterossexista. No próprio universo homossexual (LGBT<sup>5</sup> ou LGBTTTIQ<sup>6</sup>) existem distinções, sendo o desvio a uma norma uma importante variável. É nesse ponto que a teoria *queer* surge para “acabar”

<sup>4</sup> Teresa Sell (2005) explica as etapas para a remoção da homossexualidade da lista de doenças a serem curadas. 1975 - A Associação de Psicologia Americana aprovou uma resolução apoiando a decisão de retirar o termo homossexualismo do manual oficial que lista todas as doenças mentais e emocionais. 1984 - A Associação Brasileira de Psiquiatria aprovou a seguinte resolução: "Considerando que a homossexualidade não implica prejuízo do raciocínio, estabilidade e confiabilidade ou aptidões sociais e vocacionais, opõem-se a toda discriminação e preconceito contra os homossexuais de ambos os sexos". 1985 - Conselho Federal de Medicina exclui o termo homossexualismo da lista de doenças e aboliu o código 302. 1994 - Organização Mundial de Saúde excluiu definitivamente da classificação internacional de doenças o código 302 que até então rotulava a homossexualidade como desvio e transtorno sexual.

<sup>5</sup> LGBTT: refere-se a: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

<sup>6</sup> LGBTTTIQ: refere-se a: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgênero, Intersexual e *Queer*. No Brasil não existe movimento identitário intessexo e nem queer.



com o conceito de norma e normalidade. Spargo denomina de “guerra do sexo” essas divergências do universo gay:

As discordâncias culminaram no que conhecemos como ‘guerra do sexo’, nas quais lésbicas sadomasoquista, mulheres em relacionamento *butch-fem* e feministas contrárias à censura contestaram em altos brados a ideia de uma irmandade lésbica unida. Enquanto a concepção dominante da identidade gay masculina reconhecia diversas práticas sexuais, incluindo sexo grupal e não-monogâmico, alguns também a viam como a promoção de um ideal restrito, respeitável, do relacionamento comprometido. Portanto, embora políticas gays e lésbicas ganhassem considerável terreno promovendo uma maior aceitação e aproximando-se da igualdade, o ideal de uma identidade coletiva era fragmentado por diferenças internas. (SPARGO, 2006, p. 30)

Esse movimento não unificador também fica evidente no que se refere à representação da homossexualidade nas artes cênicas. Alguns ativistas criticam por achar que um personagem é efeminado demais e isso gera uma imagem “negativa” da homossexualidade. Outros criticam a falta de afetividade dos casais e os aspectos heteronormativos<sup>7</sup> – união estável, monogamia e filhos. Não é só no Brasil que esses personagens mais estereotipados são criticados. Spargo (2006, p. 27) conta que o grupo Gay Activists (EUA) esteve ativamente envolvido na promoção de imagens “positivas” dos homossexuais. Isso inclui críticas às imagens negativas e homofóbicas na mídia, entre elas os estereótipos populares *camp* dos seriados cômicos de televisão, visto como depreciativos à imagem de pessoas gays e lésbicas.

Essa ampla possibilidade de lutas e representações da sexualidade mostra como é imprecisa a noção de identidade (ou pós-identidade). Louro (2008, p. 32) afirma que uma identidade deixa demarcada uma fronteira e uma forma de representá-la. A autora também diz que essa posição de alguns ativistas buscarem um efeito regulador e disciplinador para a representação da homossexualidade vai contra o propósito da teoria *queer*, “nesse discurso, é a escolha do objeto amoroso que define a identidade sexual e, sendo assim, a identidade gay ou lésbica assenta-se na preferência em manter relações sexuais com alguém do mesmo sexo” (LOURO, 2008, p. 33). No entanto, essa forma de representação identitária é questionável:

Esse modelo efetivamente fez com que os bissexuais parecessem ter uma identidade menos segura ou desenvolvida e exclui grupos que definiam sua sexualidade por meio de atividades e prazeres em vez de preferências por gênero, como os sadomasoquistas (...) Qualquer que seja o catalisador, algumas pessoas que achavam ‘gay’ e ‘lésbica’ identidades inadequadas ou restritivas

<sup>7</sup> Spargo (2006, p. 67) define heteronormatividade como: termo que especifica a tendência, no sistema ocidental contemporâneo de sexo-gênero, de ver as relações heterossexuais como a norma, e todas as outras formas de comportamento sexual como desvios dessa norma.



encontraram em ‘*queer*’ uma posição com o qual podiam se identificar. Na cultura popular, *queer* significava mais sensual, mais transgressor, uma demonstração deliberada de diferença que não queria ser assimilada ou tolerada. (LOURO, 2008, p.31-35).

Louro assume que o *queer* não faz parte de um discurso de identidades, mas sim de uma vertente cultural do que Foucault chamou de poder e saber.

A homossexualidade é analisada como parte de um regime de poder/saber (mais do que como uma identidade social minoritária). Então, pelas condições de sua emergência e por suas formulações, é possível afirmar que essa é uma teoria e uma política pós-identitária: o foco sai das identidades para a cultura, para as estruturas linguísticas e discursivas e para seus contextos institucionais. (LOURO, 2008, p. 60)

Para Foucault a sexualidade não é uma característica ou fato natural da vida humana, mas sim uma categoria construída de experiências que não tem origens biológicas e sim históricas, sociais, políticas e culturais. As pesquisas do pensador francês mostram que em cada época histórica, uma concepção de sexualidade é emergida:

Imagino que seja aceita a afirmação de que o discurso sobre o sexo, já há três séculos, tem-se multiplicado em vez de rarefeito; e que, se trouxe consigo interditos e proibições, ele garantiu mais fundamentalmente a solidificação e a implantação de todo um despropósito sexual. (FOUCAULT, 1988, p. 61).

Foucault (1988, p. 50-51) aponta que a categoria homossexual nasceu em um contexto particular por volta de 1870 e que, como a sexualidade em geral, deveria ser vista como uma categoria de saber construída e não descoberta. Isso evidentemente não quer dizer que não havia práticas homossexuais anteriores a essa data, mas sim apontar uma diferença entre a sodomia e as praticas do final do século XIX quando Foucault identificava o homossexual como uma espécie.

É necessário não esquecer que a categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade constituiu-se no dia em que foi caracterizada – o famoso artigo de Westphal em 1870, sobre as ‘sensações sexuais contrárias’ pode servir de data natalícia – menos como um tipo de relações sexuais do que como uma certa qualidade de sensibilidade sexual, uma certa maneira de interverter, em si mesmo, o masculino e o feminino. A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie. (FOUCAULT, 1988, p. 50-51).

Foucault (1982, p. 233) também aponta os homossexuais como parte dos ditos movimentos de “liberação sexual” e devem ser compreendidos como movimentos de



afirmação a partir da sexualidade, desta forma “são movimentos que partem da sexualidade, do dispositivo de sexualidade no interior do qual nós estamos presos, que fazem com que ele funcione até seu limite; mas ao mesmo tempo, eles se deslocam em relação a ele, se livram dele e o ultrapassam” (FOUCAULT, 1982, p. 233). O pesquisador ainda constata que: “os movimentos de homossexuais continuam muito presos à reivindicações dos direitos de sua sexualidade, à dimensão do sexólogo. Mas isso é normal, pois a homossexualidade é uma prática sexual que, enquanto tal, é combatida, barrada, desqualificada” (FOUCAULT, 1982, p.268).

Embora esse diagnóstico de Foucault ainda possa ser utilizado para caracterizar diversos movimentos homossexuais, há uma ruptura dessa prática com o advento da teoria *queer*. Esta corrente se preocupa com a fratura do mito de uma identidade gay unificada e unificante. Percebe-se assim, não apenas diferenças de prioridades pessoais e políticas, mas também do embasamento da política na identidade. Embora a sexualidade permaneça o objeto-chave da análise *queer*, ela é cada vez mais examinada em relação a outras categorias do saber envolvidas na manutenção de relações de poder desiguais: raça, religião, nacionalidade, idade e classe. Sendo, muitas vezes, uma forma contra-hegemônica de poder

Butler aponta que quando se entende a identificação como uma incorporação ou fantasia até como “queda da realidade” a coerência identitária é anulada ou idealizada e esta idealização é efeito de uma significação corpora, assim:

Actos, gestos y deseo crean el efecto de un núcleo interno o sustancia, pero lo hacen en la superficie del cuerpo, mediante el juego de ausencias significantes que evocan, pero nunca revelan, el principio organizador de la identidad como una causa. Dichos actos, gestos y realizaciones – por lo general interpretados – son performativos en el sentido de que la esencia o la identidad que pretenden afirmar son invenciones fabricadas y preservadas mediante signos corpóreos y otros medios discursivos. (BUTLER, 2007, p. 266)<sup>8</sup>.

Butler percebe a nomeação do sexo como um ato performativo e o gênero como uma identidade tenuamente construída através do tempo. Desta forma, os atributos de gênero são igualmente performativos e não uma identidade pré-existente. A pesquisadora ainda aponta que os corpos nunca obedecem as normas pelas quais sua materialização é fabricada, desta forma, por exemplo, não constitui uma redundância em se falar “mulher com vagina”, pois o gênero feminino e a concepção de mulher não leva

---

<sup>8</sup> Atos, gestos e desejo de criar o efeito de um núcleo interno ou substância, mas fazê-lo na superfície do corpo, através da interação de significantes que evocam as ausências, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como uma causa. Tais atos, gestos e realizações - geralmente interpretado - são performativas no sentido de que a essência ou identidade que se destinam às invenções feitas e preservadas do estado através de sinais corporais e outros meios discursivos. (BUTLER, 2007, p. 266, tradução nossa).



em conta, necessariamente, a genitália – uma vez que os corpos transexuais não comungam do binarismo masculino-feminino. Desta forma, a teoria *queer* pensa os sujeitos e as práticas sexuais que ultrapassam os binarismos homossexual/heterossexual e mulher/homem, apontando para uma variedade e diversidade das subjetivações e das práticas que não se enquadram nas matrizes de inteligibilidade de gênero.

## 2. O *Camp* na teoria *queer*

Assim como o termo *queer*, o *camp* não assume uma tradução específica na língua portuguesa. Denílson Lopes (2002) explica que “como comportamento, o *camp* pode ser comparada à feição, à atitude exagerada de certos homossexuais, ou simplesmente à afetação. Já como questão estética, o *camp* estaria mais na esfera do brega assumido, sem culpas, tão presente nos exageros de muitos dos ícones da MPB”. (LOPES, 2002, p. 95). Lopes também explica que o *camp* não pode ser chamado de fundamentalmente gay, mas se tornou um elemento definidor, mas não totalizador, da identidade homossexual.

O *camp* está ligado a contracultura dos anos de 1960, justamente pelo movimento valorizar comportamentos originais de grupos mais diversificados, Lopes diz que esse momento foi “decisivo para a disseminação do *camp* para longe dos guetos homossexuais” (LOPES, 2002, p. 94). Lopes utiliza o conceito de sociabilidade<sup>9</sup> de Michel Maffesoli para afirmar que a valorização da afetação e da aparência é “um aspecto da formação de uma sociabilidade sustentada por códigos específicos de uma ética do estético em contraponto a uma moral universal” (LOPES, 2002, p. 95). Lopes também afirma que há uma aproximação do *camp* com a cultura pop (música e arte) e a narrativa pós-vanguarda de Almodóvar e Caio Fernando Abreu. E faz uma ressalva:

Esta capacidade de perceber o mundo como teatro não faz do *camp* apenas uma percepção frivolamente desimportante e alienante, um riso fácil e nervoso incapaz de lidar com as diferenças, um gosto excludente e depreciativo, apenas uma forma de humor declinante, produto da opressão, segregação e auto-ódio (...) perpetuador do estereótipo afeminado do homossexual. (LOPES, 2002, p. 96-97).

---

<sup>9</sup> No uso corrente, sociabilizar envolve os indivíduos e suas associações contratuais. Maffesoli substitui essa palavra por socialidade que vai acentuar as dimensões afetivas e sensíveis dos indivíduos, fazendo-o questionar as relações sociais institucionalmente construídas e imprimir uma marca de independência quanto às organizações formais da sociedade. O autor também cunhou o termo homosocialidade é uma espécie de declaração de guerra à sociedade essencialmente racional e individualista, que marcou o Ocidente: o ser Deus, o Estado, as instituições, o indivíduo. Para o autor, a homosocialidade está ligada à cultura do sentimento, na qual o pensamento é carregado de sentidos, de paixões e de emoções comuns. Creemos que o autor também dialoga com vários aspectos tratados nesse texto, mas por falta de espaço não vamos refleti-lo. Ver Maffesoli (2007).



Desta forma, o movimento *camp* está ligado a uma condição de “superação” do status de oprimido e objetiva que ele “enxergue a natureza artificial de categorias sociais e a arbitrariedade dos padrões de comportamento” (MacRAE, E. *apud* LOPES, 2002, p. 97). O *camp* está vinculado também à “sensibilidade gay” assim, outras orientações sexuais também podem se identificar com a estética, mesmo que não sejam homossexuais. A heteronormatividade, também no meio homossexual, tende a rechaçar o *camp*, substituindo a “bicha louca” pelo “macho gay”, ou também a lésbica “*butch*”<sup>10</sup> pela *femme*, feminina e delicada. O *camp* valoriza o lúdico, a fantasia, a valorização da beleza, assim redimensiona o espaço público. Lopes (2002, p. 113), termina desta forma seu manifesto:

Hoje, o *camp* expressa não o desejo de afirmação do estereótipo envelhecido da bicha louca, mas o desejo de emprendermos todos, das mais diversas sexualidades e sensualidades, uma nova educação sentimental, não pela busca da autenticidade de sentimentos cultivados pelos românticos, mas pela via da teatralidade, quando, apesar da solidão, para além da dor maior da exclusão, da raiva e do ressentimento, possa ainda se falar em alegria, em felicidade. Faça uma pose. Eu faço. Agora. (LOPES, 2002, p. 113)

Spargo e Louro constataam a importância do *camp* para a teoria *queer*. O *camp* pode ser um *queer*, desde que ele não aceite viver em um regime normalizador e disciplinador (nos termos de Foucault). Spargo (2006, p. 55) afirma que “a cultura e política *queer* é uma releitura do pontencial subversivo e transgressor do *camp*”.

### 3. Diálogos possíveis: teoria *queer* e estudos culturais

A teoria *queer* tem um caráter transgressor. Ela diz que não precisamos de normas. Sabemos que a principal influência para a formulação da teoria parte do pós-estruturalismo francês. Porém, no nosso entendimento, alguns autores culturalistas estabelecem diálogos com a teoria *queer*. É a busca dessas consonâncias que vamos apresentar aqui. Nosso ponto de partida foi a escolha de três palavras-chave, recorrentes no texto que apresentamos sobre a teoria *queer*: identidade, deslocamento e fronteiras. Assim, buscamos em autores como Stuart Hall (2006, 2007) e Homi Bhabha (2004) uma possibilidade de diálogo com a teoria *queer*.

Hall (2006) descreve três modelos de representação identitária ligados a tipos de sujeitos distintos: o do Iluminismo, o sociológico e o pós-moderno. Interessa-nos o discurso identitário desse último sujeito. Hall (2006) apresenta a noção do descentramento do sujeito marcado pelo pós-modernismo, com base em cinco avanços

<sup>10</sup> Masculino



das teorias sociais e humanas. O primeiro descentramento está nas idéias de Karl Marx, quando ele diz que nós não somos os “autores” de nossa história. Assim, os sujeitos agem “com base em condições históricas criadas por outros e sob as quais eles nasceram, utilizando os recursos materiais e de cultura que lhes foram fornecidos por gerações anteriores” (HALL, 2006, p. 34-35).

O segundo está no pensamento de Sigmund Freud e a descoberta do “inconsciente”. Assim, é abandonada a perspectiva de René Descartes e o “penso, logo existo”. Desta forma não existe um “eu unificado”, a identidade é formada através de processos inconscientes. O terceiro processo está ancorado em Ferdinand de Saussure e a linguística. Saussure apresenta que as palavras não são fixas, seu contexto muda de acordo com um determinado referencial cultural. O trabalho de desconstruções dos binarismos de Derrida teve origem no pensamento de Saussure.

A quarta virada está em Michel Foucault e sua microfísica do poder. Foucault entende o poder como uma questão de relações complexas em vez de uma propriedade inerente a um indivíduo ou classe particulares. Além disso, ele denomina o poder disciplinar que está preocupado com a regulação e a vigilância, assim “quanto mais coletiva e organizada a natureza das instituições da modernidade tardia, maior o isolamento, a vigilância e a individualização do sujeito individual” (HALL, 2006, p. 43). Por fim, Hall apresenta o impacto do feminismo e dos “novos movimentos sociais”. O jamaicano explica que o feminismo foi responsável por questionar a clássica distinção de “dentro/fora”; “privado/público”. O que começou com a contestação da posição social evoluiu para incluir a formação das identidades sexuais e de gênero. Podemos citar também a teoria *queer* como parte desse processo. As características do sujeito desconstruído apresentadas por Hall são fundamentos para a formação de um sujeito *queer*. A junção dessas cinco correntes de pensamento é fundamental para o questionamento das normas e da identidade como algo normativo.

O deslocamento de lugar e identidades parte dos estudos de Ernesto Laclau. Como as identidades não têm um único ponto fixo, ela se desloca permanentemente em um universo de possibilidades. Desta forma, há diferentes lugares por meios dos quais novas identidades emergem. Hall (2007) propõe que:

As identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar e ser antagônicas (...) Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente construída, de uma “identidade” em seu significado tradicional –



isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna. (HALL, 2007, p. 108-109).

Hall (2007, p. 111) utiliza o conceito de *différance*<sup>11</sup> de Derrida para formular uma identidade. O autor explica que “se as ‘identidades’ só podem ser lidas a contrapelo, isto é, não como aquilo que fixa o jogo da diferença em um ponto de origem e estabilidade, mas como aquilo que é construído na *différance* ou por meio dela” (HALL, 2007, p.111). Assim, são possíveis pessoas viverem em situações controversas que uma identidade não permitiria. Hall também se apóia em Judith Butler (uma das principais teóricas *queer*) para “atualizar” os conceitos de Foucault sobre a sexualidade. Segundo Hall, Foucault<sup>12</sup> rejeita a psicanálise por ver nela mais uma rede de relações disciplinares de poder. Butler une o pensamento de Foucault com a psicanálise, além disso, apesar de reconhecer os limites necessários para uma política de identidade, a pesquisadora pensa que elas não deveriam ser abandonadas. Este é mais um argumento de uma possível interação da teoria *queer* com o culturalismo. Por fim, Hall diz que a identidade tem uma importância política e só poderá avançar se “a ‘impossibilidade’ da identidade, bem como a saturação do psíquico e do discurso em sua constituição, forem plena e inequivocamente reconhecidas”. (HALL, 2007, p. 130-131). Essa é uma definição *queer*.

É claro que um grupo de ativistas homossexuais não vai querer destruir ou desprezar características de outros membros, mas nem por isso vai abraçá-las como causa. É nesse ponto que entra o *queer*, principalmente o adepto da estética *camp*. É raro ver ativistas gays defendendo um personagem *camp* nas artes cênicas. Um dos grandes motivos para isso é a posição cênica do riso, o engraçado, o diferente. Já para casais monogâmicos com filhos são dados créditos, melhor seriam se apresentassem cenas de afetividade explícita. Ou seja, mesmo em grupos excluídos socialmente, uma estética impera perante a outra. Ambas legítimas, mas uma privilegiada. Podemos usar a metáfora das fronteiras, os grupos socialmente mais aceitos têm fronteiras bem

<sup>11</sup> Neologismo criado por Derrida a partir da palavra francesa *différence*, que têm dois significados: ‘diferença’ e ‘diferimento’. A *différance* é o *Ethos* desconstrutivo da teoria do filósofo. Pode-se descrever as pressuposições da desconstrução da seguinte maneira: 1) A linguagem é imutavelmente marcada pela instabilidade e indeterminação de significado; 2) Diante dessa instabilidade e indeterminação, nenhum método de análise pode reivindicar autoridade enquanto observa a interpretação textual; 3) A interpretação é, portanto, uma atividade de alcance ilimitado, mais parecida com um jogo do que com a análise que imagina-se ao ouvir o termo. Desta forma, a função do conceito da *différance*, no campo das identidades, é o questionamento das suposições ainda não examinadas e a demonstração das lacunas que deixam o julgamento de valor suspeito. (SIM, 2008, p. 27-34).

<sup>12</sup> Hall aponta que essa visão de Foucault começou a mudar nos dois segundos volumes (*A vontade de saber* e *O Cuidado de Si*) da História da Sexualidade. Foi interrompido em virtude de seu falecimento. O projeto original contava com seis livros, Foucault publicou três.



demarcadas, enquanto outros preferem transitá-las ou permanecer entre elas, como o sujeito *queer*.

A vida na fronteira é umas das preocupações de Homi Bhabha (2003). Para o pesquisador a passagem do século XX para o XXI nos propiciou um momento de trânsito “em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão. Isso porque há uma sensação de desorientação, um distúrbio de direção, no além” (BHABHA, 2003, p. 19). Bhabha também percebe o afastamento de singularidades como “classe” ou “gênero” para categorizar conceitualmente as posições do sujeito. Desta forma, os “entre-lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação para passar das narrativas de subjetividade originárias e tradicionais.

Podemos pensar que os interstícios (intervalos) de Bhabha, “a sobreposição e o deslocamento de domínios da diferença” (BHABHA, 2003, p. 20) são importantes para pensar o sujeito *queer*. O indiano pensa que a diferença engloba a diversidade, essa diferença não é bem marcada e a fronteira é um lugar de negociação. Desta forma, os sujeitos dos “entre-lugares” se formam pela soma das “partes” da diferença. A performatividade de Butler parece ter eco em Bhabha:

Os termos do embate cultural, seja através de antagonismos ou afiliação, são produzidos performativamente. A representação da diferença não deve ser lida apressadamente como reflexo de traços culturais ou étnicos preestabelecidos, inscritos na lápide fixa da tradição. A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em anda mento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica. (BHABHA, 2003, p. 20-21)

Uma cultura de valorização das diferenças sempre vai encontrar problemas com os tradicionais que não permitem uma transformação histórica. Essa performatividade característica também do sujeito *queer* pode ser chama de “intimidade intersticial”. Para Bhabha essa intimidade “questiona as divisões binárias através das quais essas esferas da experiência social são freqüentemente opostas espacialmente. Essas esferas da vida são ligadas através de uma temporalidade intervalar” (BHABHA, 2003, p. 35). Pensando assim, é difícil definir quem é um sujeito intersticial, logo um *queer*. Dessa forma, teria uma representação em artes cênicas, mesmo sabendo que as representações são sempre redutoras?

#### **4. Seis personagens homossexuais de telenovelas**



Nessa parte, gostaríamos de chamar a atenção para três telenovelas globais: “A Próxima Vítima” de Sílvio de Abreu exibida em 1995; “Suave Veneno” de Aguinaldo Silva veiculada em 1999 e “Senhora do Destino”, também de Silva que foi ao ar em 2005. Em todas essas três telenovelas, os personagens homossexuais ocuparam posições de grande destaque e proporcionaram um debate social por aspectos diferentes.

“A Próxima Vítima” é considerada a primeira trama a colocar um casal homossexual masculino “sério”. No enredo Sandrinho (André Gonçalves) e Jefferson (Lui Mendes) são estudantes de direito. Sandrinho é filho de Ana (Susana Vieira). Preocupada com a amizade do garoto com Jefferson ela indaga ao filho sobre sua orientação sexual. Ele é sincero, diz que é homossexual e quer contar para todos. Ana diz que ama o filho assim mesmo, mas ninguém deveria saber da sua orientação, principalmente Juca (Tony Ramos), namorado de Ana.

Jefferson tem uma relação familiar um pouco mais complexa. Sua mãe Fátima (Zezé Motta) e seu irmão Sidney (Norton Nascimento) não querem aceitar a orientação sexual dele. Os dois não apresentam figurino nem gestos tidos como efeminados. Só quem acompanhou o enredo sabe que eles são homossexuais e formam um casal. Cenas de afetividade não foram exibidas. Os dois terminam a narrativa morando junto, ou seja, uma relação monogâmica, uma união estável.

“Suave Veneno” conta, entre outras, a história de Uálber (Diogo Vilella), um rapaz sensível. Bom filho e bom amigo, ele está sempre disposto a dar conselhos. Seu figurino beira aos estereótipos que conhecemos sobre o misticismo. Seu gestual é efeminado. Junto com seu secretário Edilberto (Luiz Carlos Tourinho) protagonizavam as cenas cômicas da telenovela. Era muito amigo e apaixonado pelo heterossexual Claudionor (Heitor Martinez).

Uálber foi muito bem recebido pela audiência, prova disso é que ele foi capa da trilha sonora internacional da trama. Apesar do comportamento efeminado de Uálber e Edilberto os dois não formavam um casal. O mesmo acontece em relação a Claudionor. O personagem deixou clara sua orientação sexual desde o início da narrativa, apenas sua mãe não sabia. Ao longo de toda novela ele não teve envolvimento afetivos, porém, no final encontra Vanderlei (Licurgo Spíndola) e juntos vivem um romance. Edilberto termina a trama sem um par amoroso. Ele era mais efeminado que Uálber e utilizava roupas coladas no corpo e bem coloridas. Às vezes deixava a barriga de fora.

Em “Senhora do Destino” Jennifer (Bárbara Borges) e Eleonora (Mylla Christie) formaram o casal de lésbicas da trama. Jennifer sofre com o processo de *coming out*. A



princípio não quer aceitar sua sexualidade e começa a namorar Thomas (Mário Frias). Depois de uma conversa franca com Eleonora, Jeniffer passa a aceitar sua sexualidade. Ambas tiveram problemas com os familiares, sendo o de Eleonora mais grave. Porém, no decorrer da narrativa houve uma aceitação do casal. Giovanni Improtta (José Wilker), pai de Jennifer dá um apartamento para as duas viverem juntas. A médica Eleonora encontra um bebê na lata de lixo do hospital que trabalha na noite de Réveillon. Então ela abre um processo para conseguir a guarda do bebê, Renato. Enfim, ela consegue adotar o menino e promete que vai assinar um contrato de união estável com Jennifer.

### **5. As telenovelas: haveria um modo *queer*? E o público, aceitaria?**

Em um estudo de recepção realizada por nós no início de 2010 (FERNANDES, 2010), pedimos para alguns homossexuais que frequentam o Café Muzik (neste local acontece todas as sextas-feiras a “Pista GLS”) avaliarem os personagens homossexuais de algumas telenovelas globais em uma escala de gratificações que vai de 1 a 5. Os personagens apresentados por nós neste texto tiveram as seguintes gratificações: Sandrinho e Jefferson – 3,38; Uálber e Edilberto – 2,74; e Jenifer e Eleonora – 4,04. Ressaltamos que os personagens que receberam as maiores gratificações foram Clara e Rafael (de “Mulheres Apaixonadas” – 2004 – Manoel Carlos) com 4,11, seguida das meninas de “Senhora do Destino”. Já o personagem que teve a menor foi Orlandinho (de “A Favorita” – 2008 – de João Emanuel Carneiro) com 2,43; seguido de Leila e Rafaela (de “Vale Tudo” – 1988 – de Gilberto Braga) com 2,67.

Repetimos essa mesma pergunta na comunidade “Teledramaturgia”<sup>13</sup> do site de relacionamentos *Orkut*. As gratificações foram as seguintes: Sandrinho e Jefferson – 4,36; Uálber e Edilberto – 2,06; e Jenifer e Eleonora – 4,56. Nessa pesquisa os que receberam a maior gratificação foi o casal de Vale Tudo (4,73) seguido também do de “Senhora do Destino”; já o com a menor foi novamente Orlandinho (1,07) seguido dos personagens de “Suave Veneno”.

Essa pesquisa serve para mostrar que as maiores gratificações foram aferidas aos personagens que tiveram uma conotação “positiva” da homossexualidade, eram personagens com relações monogâmicas e, no caso de “Senhora do Destino”, adotaram um filho. Podemos acreditar que essas representações podem até diminuir a homofobia e mostrar que se quisessem, os homossexuais poderiam viver em monogamia e até

<sup>13</sup> <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=42055086>



mesmo adotar/criar filhos. Mas, é igualmente verdade que essas tramas “positivas” reproduzem o discurso da heteronormatividade. Para os homossexuais serem aceitos, eles têm que ter os mesmos comportamentos e padrões dos heterossexuais. Todavia cenas eróticas como a de pessoas heterossexuais não podem ser reproduzidas em relação aos homossexuais, mesmo que em união estável.

O personagem Edilberto é enquadrado na estética *camp*, também valorizada na perspectiva da teoria *queer*. Não pensamos que a representação dele foi “exagerada”, afinal certamente conhecemos alguém muito parecido com o papel que Luiz Carlos Tourinho fazia. Então, porque criticar o personagem e dizer que ele “mancha” a imagem do homossexual? As críticas podem vir da não atividade sexual do rapaz, mas também ninguém é obrigado a ter uma atividade sexual. No caso dela ser representada de forma poligâmica, imaginamos que a crítica seria muito mais ferrenha. Aguinaldo Silva<sup>14</sup> (2009, p. 37) comenta que o grupo gay da Bahia entrou com uma representação no Ministério Público alegando atitude discriminatória em “Suave Veneno” e diz “acha que o homossexual afeminado prejudica a classe – se é que se pode chamar de classe - , e que, por isso mesmo, tem que ser fuzilado”, o mesmo aconteceu com o carnavalesco Ubiracy (Luiz Henrique Nogueira) de “Senhora do Destino”.

O autor também defende Janifer e Eleonora ao dizer que o relacionamento delas “teve uma força e uma profundidade que você não vê nos outros relacionamentos homossexuais (...) elas não precisavam ficar se beijando o tempo inteiro para mostrar que se amavam.” (p.38). Em outra entrevista<sup>15</sup> Aguinaldo Silva (2008) afirmar que

as pessoas são homossexuais mas trabalham, têm pai, mãe, parentes, amigos, outros interesses na vida que não apenas a sexualidade. Gente comum, igual a todo mundo. Se você vai por esse caminho, já não provoca nenhum tipo de choque, porque a vida real é assim. A não ser que as pessoas sejam as chamadas ‘ativistas’, que transformam a sexualidade na questão principal da vida delas. (MEMÓRIA GLOBO, 2008, p. 51, vol 1).

Aguinaldo Silva parece não se preocupar com os preceitos *queer*. Para ele a representação de um casal nos moldes da heteronormatividade deve ser a realizada, para não chocar demais os telespectadores. Praticamente todos os autores da Rede Globo afirmam que a novela não é do autor e nem do diretor e sim do público. Pela abrangência de pessoas que a telenovela conquista alguns assuntos têm de ser tabus. Mas mesmo assim, existe espaço para abordagens mais audaciosas. Em contrapartida há

<sup>14</sup> Entrevista a André Bernardo e Cíntia Lopes.

<sup>15</sup> Entrevista para o projeto “Memória Globo”.



autores que dizem não existir um tema “tabu”, tudo pode ser permitido, desde que abordado de maneira “correta”. Lemos assim: de maneira normativa e assexuada.

O autor também comenta (2008, p. 65) que estava incomodado com a maneira que os homossexuais foram retratados nas telenovelas “Páginas da Vida” (Manoel Carlos) e “Paraíso Tropical” (Gilberto Braga e Ricardo Linhares) e disse: “os casais homossexuais pareciam casais heterossexuais de classe média, eles se comportavam de forma careta” (p.65-66). Essa frase tem uma conotação *queer*. A solução encontrada pelo autor foi criar o trio amoroso Dália-Bernardinho-Heraldo<sup>16</sup> em “Duas Caras” e colocar o Carlão como o quarto elemento da relação. Porém, apesar de *queer* na teoria, não foi na prática. Bernardinho foi constantemente enganado por Carlão, depois, assinam um contrato de união estável no último capítulo.

Sílvia de Abreu (2009, p.210) reconhece a importância de Jefferson e Sandrinho em “A Próxima Vítima”. Ele afirma que a homossexualidade era um problema nas telenovelas até “A Próxima Vítima”. O autor também comenta que a “falha” de “Torre de Babel”<sup>17</sup> foi apresentar Christiane Torloni e Sílvia Pfeiffer como lésbicas em união estável logo no início da trama, não deu tempo deles se tornarem “queridas” pelo público. Ao comentar esse episódio, Gilberto Braga, (2008, p. 389 vol. 1) disse que o maior problema foi a escalção das atrizes e disse que se o casal de “A Próxima Vítima” fosse interpretado por Fábio Assunção e Marcos Palmeira, a telenovela teria problema.

Eu tive cuidado em “A Próxima Vítima” que não tive em “Torre de Babel”, que foi de não revelar, de cara, que os personagens eram homossexuais, só depois que o público já gostava deles. Fiz isso propositadamente. (...) Quando revelei que o Sandrinho era homossexual (...) o público aceito perfeitamente. E fiz uma armadilha para os preconceituosos: coloquei um negro homossexual. Assim, eles tinham dois preconceitos com que se preocupar. (MEMÓRIA GLOBO, 2008,p. 313, vol. 02). Sílvio de Abreu.

De certa forma, aos autores ao saber o impacto que uma telenovela tem na sociedade estão preocupados em debater temas polêmicos. No caso da homossexualidade, eles visam acabar com a homofobia. Porém, a representação “positiva” pode gerar uma outra homofobia, por exemplo, para os *camps* e os demais que não se comportam de forma normativa. Na telenovela e na realidade, viver na fronteira é complicado e difícil, afinal a fronteira é sempre uma zona perigosa.

---

<sup>16</sup> Interpretados respectivamente por: Leona Cavali, Thiago Mendonça, Alexandre Slaviero e Luguí Palhares.

<sup>17</sup> Nessa trama, exibida em 1998, Leila e Rafaela eram duas mulheres finas, elegantes e ricas. Viviam um relacionamento estável e sua relação delas foi mostrada de forma direta e sem subterfúgios. O público rejeitou as personagens e elas foram limadas durante a explosão de um Shopping Center.



## 6. Considerações Finais

Para Louro (2008, p.53) a teoria *queer* é perturbadora e arriscada, mas faz pensar. Certamente ela foi responsável por direcionar o nosso olhar. Ao mesmo tempo sabemos dos processos mercadológicos da televisão brasileira. É importante lembrar que a telenovela é um gênero de entretenimento, um produto, tem que atingir lucros e agradar a todas. Mas ela também promove identidades e reflexão social. A Rede Globo como maior produtora do formato no país tem preocupações sociais com o produto/arte que é a telenovela. Nossa teledramaturgia é vista como transgressora se compararmos às produções mexicanas, colombianas e venezuelanas.

Diversas representações da homossexualidade foram representadas na telinha. Apesar da constata normalização dos homossexuais, o discurso positivo é importante para combater a homofobia, porém outros discursos também devem ser encenados. A estética *camp* não pode ser banida da novela, cremos que ela não promove a homofobia, mas sim, mostra uma faceta de homossexuais que existem na sociedade, mesmo que para isso reproduza estereótipos. Sobre as três telenovelas exemplificadas nesse trabalho acreditamos que todas aconteceram um “ganho temático”. A sociedade precisa saber que não existe um modelo de homossexualidade a ser seguido. A teoria *queer* reforça nossos argumentos em prol de uma maior diversidade em algo que por sua natureza já é diverso.

## Referências Bibliográficas

- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- BERNARDO, André e LOPES, Cíntia. **A seguir, cenas do próximo capítulo**. São Paulo: Panda Books, 2009.
- BUTLER, Judith. **El género en disputa**. Barcelona (Espanha): Paidós, 2007.
- FERNANDES, Guilherme. A recepção das personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo: uma leitura da teoria dos Usos e Gratificações realizada em um bar gay de Juiz de Fora-MG. In: CELACOM 2010. **Anais...** Memorial da América Latina: São Paulo, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- \_\_\_\_\_. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 103-133.
- LOPES, Denílson. **O homem que amava rapazes e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002. p.89-120.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. Belo Horizonte, Autêntica, 2004.
- MAFFESOLI, Michel. Homossocialidade: da identidade às identificações. In: **Bagoas**. Ano 1. Vol. 1. Natal: EDUFRN, 2007. p. 15-25.
- MEMÓRIA GLOBO. **Autores: história da teledramaturgia**. vol. 1 e 2. São Paulo: Globo, 2008.
- SELL, Teresa. **Identidade homossexual e normas sociais**. Florianópolis: UFSC, 2006.
- SIM, Stuart. **Derrida e o fim da História**. Juiz de Fora-MG: Ed. UFJF, 2008.
- SPARGO, Tamsin. **Foucault e a teoria queer**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006.